

Seminário de História Religiosa Moderna

1ª Sessão – Sessão de Abertura - 15 de Março de 2011 – 17.00h

1. **Comunicação:** - **Por que há religião e santidade?** por Joaquim Ramos de Carvalho – Universidade de Coimbra.
2. **Presenças:** 24
3. **Introdução:** José Pedro Paiva saudou os presentes e fez uma introdução ao novo programa do Seminário de História Religiosa – Época Moderna que este ano será dedicado ao tema da santidade. Referiu a oportunidade do tema e contextualizou-o dentro das áreas que têm interessado a teólogos, sociólogos, antropólogos e historiadores. Alertou que a programação pensada para as sessões que nos ocuparão ao longo do presente ano será resposta a três questões nucleares. Inicialmente referir-se-á a importância da santidade no plano da experiência religiosa. Num segundo momento, demorar-nos-emos sobre as diferentes formas de experiência de santidade em conexão com contextos sociais e espaciais onde tais experiências aconteceram. As abordagens serão feitas a partir de universos bem diferenciados. Num terceiro tempo incidiremos estudo e reflexão sobre práticas historiográficas que no decurso da história têm feito opção por modelos com hermenêuticas tão diferenciadas, onde se dá visibilidade a uma plêiade de cristãos guindados ao patamar da santidade. Já na parte final, seremos conduzidos a questões que continuam a concitar curiosidade e a reclamar saber. Tratar-se-á de indagar como se constrói um santo (ver o texto integral no “link” respectivo). Não será de somenos importância tomar conhecimento de como comunidades cristãs e instituições fizeram valer junto das autoridades romanas vidas de pessoas “santas” capazes de modelar para o interior de institutos regulares e para o exterior eclesial modelos de santidade capazes de revigoração cristã. A instância romana, decisória para a aceitação formal de modelos de santidade, serviu-se de mecanismos vários que, respondendo de forma administrativa, se ativeram a um ideário de virtudes caucionadas pelo papa reunido em consistório.
4. **Texto da comunicação:** A ser publicados no *site* habitual.
5. **Intervenções livres:** Após a exposição do tema, pediram a palavra Ana Ruas Alves, Paula Nestola, Georgina Santos, Matilde Santos, Rosa Capelão, Gilberto Moiteiro e José Pedro Paiva. A participação no debate deu-se de forma faseada; inicialmente pediu-se ao palestrante que reflectisse e desenvolvesse sobre o conceito habitual religião e as suas vinculações à noção de uma utopia que se associa a essa realidade na comunidade dos crentes; nesse sentido, indagava-se da possibilidade de se estabelecer ou não um equilíbrio entre a religião e a realidade utópica que se lhe associa. Será legítimo atribuir à dimensão utópica um desígnio dum adaptabilidade abrangente? Outra questão se colocou sobre a funcionalidade dos oragos em relação à família, à paróquia, à cidade ou às nações. Até que ponto essas formas de culto têm funcionado como factor nos processos identitários dessas instituições. Ligada a essa questão, indagava-se em que circunstâncias se davam ou podiam acontecer rupturas com alguns modelos de santidade e até que ponto diferentes perspectivas da teoria da religião podiam auxiliar a um melhor entendimento das diversas experiências de santidade, pois afigura-se distinta a via do santo com uma experiência de vida edificante da de um que funda a sua santidade numa dimensão taumatúrgica. A persistência da religião inquieta estudiosos e continua a reclamar explicação dum fenómeno altamente abrangente; será legítimo colocar a questão de admitir apenas enquanto perdurar o inexplicável para quem diariamente se interroga sobre o devir da humanidade. Tudo parece tão simples e ao mesmo tão complicado: porque existe santidade, certamente porque as pessoas acreditam em determinados valores. Teorias e história no

tratamento destas questões conhecem por vezes aproximação, por vezes afastamento de construções teóricas. Neste contexto uma questão decisiva é a de saber que tipo de experiência pode romper com os padrões “normais” de vida e “alvorçar o mundo”. Debateu-se ainda a questão de saber por que é que há “crença” e se todas as sociedades têm uma percepção/crença na santidade. Já na parte final do debate tentou-se aprofundar melhor e arrumar as três teorias de religião expostas pelo palestrante – a cognitiva, a funcional e a simbólica. Tudo indica que cada uma delas se vai servindo de dimensões diferenciadas da ciência, mormente das ciências da vida e das ciências humanas. Neste plano, constatou-se que a “perspectiva simbólica” tem sido principalmente adoptada pelas ciências sociais, enquanto as outras (cognitiva e funcional) têm emergido, fundamentalmente, a partir das ciências biológica/ciências da vida, tendo-se requerido ao conferencista que propusesse uma explicação para esta realidade.